



Adoção é ato de amor. Só que o amor não tem cor, raça ou religião, mas a imperfeição humana, infelizmente, faz distinção, e nos locais próprios à adoção, as crianças brancas e perfeitas, mal chegam a ficar três dias, enquanto as de cor e as com pequenos defeitos físicos são deixadas "esquecidas".

Isso levou a Unidade Sampaio Viana, da Febem, recentemente, a lançar a campanha denominada "O Amor Não Têm Cor", objetivando a adoção de crianças negras e as com pequenos defeitos físicos, — já que as doentes e com defeitos físicos graves, sequer são liberadas para adoção — pois não é segredo para ninguém que criança precisa de lar e de afeto.

Muitas pessoas têm medo de adotar — especialmente crianças não brancas — e se decepcionar mais tarde. Entretanto, não devem esquecer-se jamais que mãe é aquela que cria e embora cada ser humano seja um mundo misterioso e desconhecido ele será sempre o espelho da educação que lhe for dada.

E ao adotar uma criança é preciso não esquecer que está adotando um filho e como tal deve ser criado. Lamentavelmente, contudo, pessoas há que as adotam com objetivo de transformá-las em criadas, maltratando-as fisicamente, por vezes. Ou, então, como se elas fossem animais de estimação, que se pode devolver ao menor contratempo. Sabe-se de casos de casais que adotam crianças e seis meses depois desenvolvem-nas alegando viagem ou outro motivo fútil. Fatos assim têm levado as entidades a usarem de bastante rigor na seleção de pessoas aptas a adoção. E esse rigorismo, acrescido das falhas da lei — as quais estão sendo analisadas abaixo pela advogada Leny Miranda Rodrigues Zarif — têm levado ao desestímulo muitas pessoas.

Ocorre, porém, que o Brasil enfrenta o grave e sério problema do menor abandonado e do menor carente; e, apesar das muitas instituições de caridade, religiosas ou não, que cuidam dessas crianças, há ainda muita criança abandonada, com origem em problemas sócio-econômicos (que não vamos analisar aqui por falta de espaço, mas pretendemos fazê-lo oportunamente) necessitando de um lar. E há também muita gente apta, que poderia cuidar dela. E como seria bom que as pessoas deixassem o amor fluir de si para essas crianças, minorando tão grave problema.

E o problema da adoção é tão mais grave quando se vai às estatísticas e se verifica que numa cidade

como São Paulo, com cerca de sete milhões de habitantes, em 10 anos houve apenas 3.000 adoções.

E a rituação só não é pior porque muita adoção é feita ao arrepio da lei, já que esta, antigamente, se tornava grande empecilho à adoção, melhorada um pouco agora pelo Código de Menores, embora ainda cheio de falhas.

Muitas pessoas, que desejam filhos — e quem não quer deixar descendência? — contatam com jovens grávidas e solteiras, ou com casais sem condições econômicas para criar o filho e custeiam o tratamento pré-natal, arcando ainda com as despesas hospitalares em troca da criança que ao nascer é registrada em nome do adotante. Isso é crime, como veremos adiante.

Há também muitas creches e hospitais que, embora não oficialmente cadastrados, promovem a adoção de crianças ali abandonadas.

Há ainda outro impedimento legal que dificulta a adoção, é o do pátrio poder, enfrentado por creches e hospitais infantis de atendimento gratuito, pois muitos pais (ou mães) que sem condições de cuidar dos filhos, levam-nos a uma creche ou hospital e nunca mais vão buscá-los. Entretanto, essas crianças não podem ser dadas em adoção, de vez que é preciso haver a destituição dos pais do pátrio poder, para transferi-lo a outrem.

Mas, os tipos de adoção, quem pode adotar, as falhas legais, etc., serão comentados abaixo por Leny Miranda Rodrigues Zarif.

EVOLUÇÃO

A adoção é um instituto muito antigo e existe em quase todos os países. É tão antigo quanto o homem das cavernas que, já naquele tempo, se apiedou da criança que viu chorando ao lado do cadáver da mãe e levou-a para sua caverna.

Entre os povos antigos, notadamente em Roma, existia motivada pelo temor que inspirava o fato de não ter descendência e cometer o sacrilégio de não ser continuado o culto aos deuses domésticos, considerado entre os romanos necessidade dos que se finavam.

Com o correr do tempo, a adoção passou a ser remédio para os casais sem filhos. E, atualmente, de forma marcante entre nós o instituto tem a finalidade social de procurar resolver o problema do menor abandonado, no Brasil, angustiante e premente. Apesar dos

parcos resultados conseguidos, não tem sido poucos os esforços do legislador e do intérprete na tentativa de, sem desfigurar a lei, tentar resolver o problema.

LEGISLAÇÃO

A regulamentação da adoção no Brasil foi copiada do Direito francês. Nosso Código Civil data de 1916, mas a regulamentação da lei era insuficiente e insatisfatória, em vista disso as adoções eram poucas, não correspondendo, de forma alguma, ao espírito de filantropia do povo brasileiro.

Em 1957, com intuito de melhorar a legislação, foi introduzida a lei n.º 3.133, que trouxe algumas modificações, mas não conseguiu agilizar o instituto como era de se esperar. E isto acontecia por um motivo simples: a adoção, tal como estava regulada pelo Código Civil, tinha em seu bojo muitos elementos se insegurança tanto para o adotante como para o adotado, motivada por ser a adoção feita sem qualquer intervenção judicial, formalizada através de instrumento passado em cartório e que não conferia maiores responsabilidades ao adotante, que poderia revogá-la em várias hipóteses, uma das quais provocada pelos pais de sangue que, muitas vezes, ficavam rondando o adotado à espera de compensação financeira ou para reivindicá-lo.

Esses motivos disseminaram a prática de registrar filho alheio como próprio que, apesar de socialmente louvável, dentro da esfera do direito constitui crime previsto por dois artigos do Código Penal: a figura do parto suposto (dar como próprio parto alheio), cuja pena é de dois a seis anos de reclusão, e a figura da falsidade ideológica, cominada com um a cinco anos de reclusão.

Em virtude de tudo isso, era necessário encontrar saída para os inconvenientes da legislação existente e, principalmente porque já grassava entre nós o problema do menor abandonado, o que exigia que alguma medida fosse tomada.

Assim, em 1965, surgiu o decreto-lei n.º 4.655, que a exemplo da legislação uruguaia e francesa, introduziu entre nós a legitimação adotiva, que tinha por finalidade integrar completamente a pessoa adotada, que só poderia ser menor de sete anos, na família substituta, rompendo todos os laços com a família de sar-

que, afastando assim, definitivamente a possibilidade de reivindicação pelos pais verdadeiros.

Passamos, assim, a ter dois institutos paralelos: a adoção regulada pelo Código Civil e a legitimação adotiva, que dependia de processo.

Mas, assim mesmo as adoções continuaram insuficientes e o problema do menor abandonado se agravando a cada ano.

A última tentativa para resolver o problema foi a promulgação do Novo Código de Menores, a 10 de outubro de 1979, que abarcou a legitimação adotiva sob a denominação de Adoção Plena e criou o instituto da adoção simples, continuando ainda a existir a adoção do Código Civil, cada um desses tipos, com características próprias, como veremos a seguir:

A adoção do Código Civil destina-se a qualquer pessoa. Todas as pessoas maiores e capazes podem adotar, independentemente do estado civil e da idade, desde que tenha 16 anos a mais do que o adotado. É feita por escritura pública, passada em cartório, sem intervenção judicial, necessitando apenas da anuência das partes. O adotado poderá usar o sobrenome do adotante combinado com o seu, ou excluir este e usar só o do adotante, podendo ainda conservar seu próprio nome.

A adoção simples é também regulada pelo Código Civil, mas juntamente com a adoção plena destina-se especificamente ao menor abandonado, geralmente com mais de 7 até 21 anos de idade. Depende de processo prévio e autorização judicial, produz menor efeito do que a adoção plena, já que só é transferido o pátrio poder, mantendo-se intactos todos os demais vínculos, inclusive o sucessório. Depende do sucesso de um estágio de convivência do adotante com o menor, que o juiz fixará, observadas a idade do adotando e outras peculiaridades do caso. Tal estágio poderá ser dispensado se o adotante optar por esse tipo de adoção e o adotando não tiver mais de um ano de idade.

A adoção plena é a que substituiu no atual sistema e legitimação adotiva, e visa integrar total e definitivamente o adotado na família do casal adotante,

rompendo todos os vínculos com a família biológica. É como se o passado daquele menor deixasse de existir, a partir da sentença, como um novo nascimento. Destina-se à colocação do menor abandonado de tenra idade, ou seja, até 7 anos. No entanto poderá ser adotado plenamente o menor com mais de 7 anos, se ao tempo em que completar essa idade já estiver em companhia dos adotantes.

QUEM PODE ADOTAR

Quanto aos pessoas que podem adotar plenamente o Código de Menores é expresso: somente poderão fazê-lo casais com cinco anos de matrimônio e dos quais pelo menos um dos cônjuges tenha mais de 30 anos. Entretanto, se for provada a esterilidade de um dos cônjuges e a estabilidade conjugal, será dispensado o prazo.

Poderão igualmente pleitear a adoção plena o viúvo ou viúva, provando que o menor esteja integrado no seu lar, onde tenha iniciado estágio de convivência ainda em vida do outro cônjuge.

O mesmo é deferido pela lei aos cônjuges separados judicialmente, havendo começado o estágio de convivência na constância do casamento, e se acordarem sobre a guarda do adotado. O estágio de convivência requerido pela lei para esse tipo de adoção é de um ano, computando-se para esse efeito qualquer período em que o menor tenha convivido com o casal.

INOVAÇÕES

Em nosso entender inovou o Código nos seguintes pontos: na legislação adotiva só podiam adotar casais sem filhos legítimos, legitimados ou naturais reconhecidos. Filhos naturais são os nascidos de pessoas não casadas entre si, mas que também não possuem qualquer impedimento matrimonial; filhos legitimados são os nascidos de pessoas não casadas entre si, com impedimento matrimonial, que posteriormente desapareceram, e os pais que vieram a casar-se.

Na adoção plena o código não fala em casais sem filhos como expressamente dispunha a lei anterior, donde se conclui que ficou deferida a adoção plena a

casais que já tenham filhos.

Na legitimação adotiva cada casal poderia adotar apenas um menor, enquanto atualmente os casais que tiverem condições poderão adotar mais de um menor.

No entanto, a inovação mais importante se deu para a adoção plena quanto aos efeitos sucessórios. Anteriormente, para adoção regida pelo Código Civil e a legitimação adotiva vigorava as seguintes regras:

a) Se o filho adotivo, ou legitimado adotivamente, fosse o único, herdava tudo.

b) Se concorresse com filhos legítimos, legitimados ou reconhecidos: 1) se a adoção fosse anterior ao nascimento de filhos legítimos, herdava metade do que coubesse ao legítimo; 2) se a adoção fosse posterior ao nascimento dos filhos legítimos, nada caberia ao adotado.

Atualmente essas regras vigoram apenas para adoção simples e adoção do Código Civil, tendo o Código de Menores, na adoção plena, em seu artigo 37, equiparado os adotados plenamente em tudo aos filhos legítimos, inclusive para efeitos sucessórios.

O artigo 51 da Lei do Divórcio dispõe sobre filhos diz que qualquer que seja a natureza da filiação, o direito à herança será reconhecido em igualdade de condições.

Muitos autores então interpretaram tal disposição, estendendo-o ao filho adotivo. No entanto, esse artigo 51 revogou expressamente apenas a Lei n.º 883, de 21 de outubro de 1949, que trata apenas dos filhos legítimos, modificou, pois, a situação sucessória desta espécie de filhos, restando inalterada a situação dos adotados.

Quanto a este assunto injustiça é o que não falta. Os filhos legítimos, para efeitos sucessórios estavam equiparados aos adotivos, recebendo metade da herança quando concorressem com os legítimos. Não se entende porque, agora, não equiparados. No entanto, foi isso o que ocorreu devido à menção expressa do artigo 51, que modificou expressamente, tão somente a situação dos ilegítimos.

TANQUE CHEIO x BARRIGA VAZIA

Hélio Kato e Carlos Alberto Felipe

"Vamos encher a panela do povo". "Plante que o João garante". Frases como estas foram proferidas exaustivamente pelo governo há cerca de dois anos. Hoje, o cenário dos acontecimentos é outro: o feijão está custando ao redor de Cr\$ 130, o quilo, o limão Cr\$ 100, a dúzia; estamos importando por volta de 500 mil toneladas de milho, outro tanto de arroz, e por aí agora.

Nosso objetivo aqui é o de identificar algumas das causas que julgamos determinantes no processo de elevação de preços dos alimentos.

Basicamente, a agricultura deve responder por três funções dentro do processo de desenvolvimento do país: 1) produzir uma massa de alimentos para atender às necessidades da população, a preços razoáveis, de modo a não gerar aumentos sucessivos de preços e, por consequência, não estimular a inflação; 2) produzir bens agrícolas destinados à exportação, de modo a criar recursos suficientes para importarmos outros bens de que necessitamos e não produzimos; 3) produzir álcool para substituição da gasolina, auxiliando o país na solução da crise energética.

Historicamente, o governo tem incentivado a agricultura voltada para a exportação, em detrimento da agricultura de alimentos para o mercado interno. A soja é o exemplo mais recente, como o café tem sido desde fins do século XIX.

Os motivos desta preferência estão ligados principalmente aos nossos problemas de balanço de pagamentos e estrutura de produção. De um lado, necessitamos de recursos para financiar o desenvolvimento do processo produtivo e, do outro lado, por sermos um país subdesenvolvido, exportamos principalmente

produtos primários, pois não temos condições de enfrentar a concorrência dos países desenvolvidos no que se refere a outros produtos.

Na agricultura de alimentos voltada para o mercado interno, a situação é de baixa produtividade, em razão da utilização de técnicas rudimentares, visto que, via de regra, os produtores de alimentos são pequenos e carecem de recursos materiais e financeiros para dinamizar o processo produtivo, desde o plantio até a colheita e estocagem.

Esse modo de produção acarreta algumas consequências tais como: custos de produção elevados, baixíssimo nível de renda e que, por sua vez, não permite acumulação de capital para novos investimentos, desestimulando-o a dar continuidade ao cultivo.

Outros fatores que agravam a situação são: o inchaço das grandes cidades que expulsam a agricultura a distância cada vez maiores dos centros consumidores, encarecendo os produtos com o custo de transporte.

Considerando que a estrutura de transportes do país é baseada na utilização de veículos movidos a derivados de petróleo e como este produto vem sofrendo aumentos constantes, tem-se uma pressão contínua de alta nos preços dos alimentos, via custos de fretes e de fertilizantes.

É neste panorama que se introduz o Proálcool, que visa substituir a gasolina utilizada nos automóveis pelo álcool, que por ser de origem vegetal é fonte renovável. Desta forma, espera-se que a agricultura contribua para solução da crise energética e também alivie o balanço de pagamentos, pois a maior parte do petróleo consumido é importado.

Para incentivar o plantio de culturas que produzam álcool, o governo vem incentivando os agricultores, através de financiamento, para a formação de lavouras, com juros fortemente subsidiados e com preço de venda a nível satisfatório.

Como não há nenhuma regulamenta-

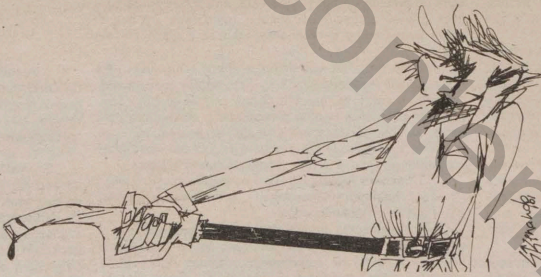
ção em termos de utilização de solo, que proteja as culturas existentes, vem ocorrendo o plantio indiscriminado de cana-de-açúcar em detrimento basicamente dos alimentos.

Caso não haja nenhuma mudança nesta situação, poderá ocorrer um agravamento da crise de alimentos existentes, conforme vem anunciando diversos prefeitos de cidades do Interior.

Aparentemente, as três funções básicas da agricultura (produção de alimentos para o mercado interno, produção de bens para exportação e geração de combustível) são conflitantes entre si. Todavia, deve-se considerar que necessitamos saldar nossa dívida externa, que gira em torno de US\$ 55 bilhões, e que a crise do petróleo vem se agravando, impondo a necessidade de encontrarmos fontes alternativas de energia, não só renováveis, como também geradas internamente. Acrescente-se que a oferta de alimentos deve aumentar substancialmente, a fim de suprir a carência existente agravada pelo acelerado crescimento populacional, evitando, assim, que o país recorra aos mercados externos para obtenção de produtos primários como feijão, o que só vem a acentuar os graves desequilíbrios de nossa balança comercial.

Acreditamos que é perfeitamente viável a realização destas funções, já que possuímos terras férteis e vastas, fatores climáticos adequados e mão-de-obra em abundância. Entretanto, é preciso que o governo promova mudanças na política adotada, orientando a ocupação de solo, para evitarmos assim os perigos de uma nova monocultura.

Do contrário, teremos os tanques cheios, mas as barrigas vazias.



Feminista sim, porém feminina

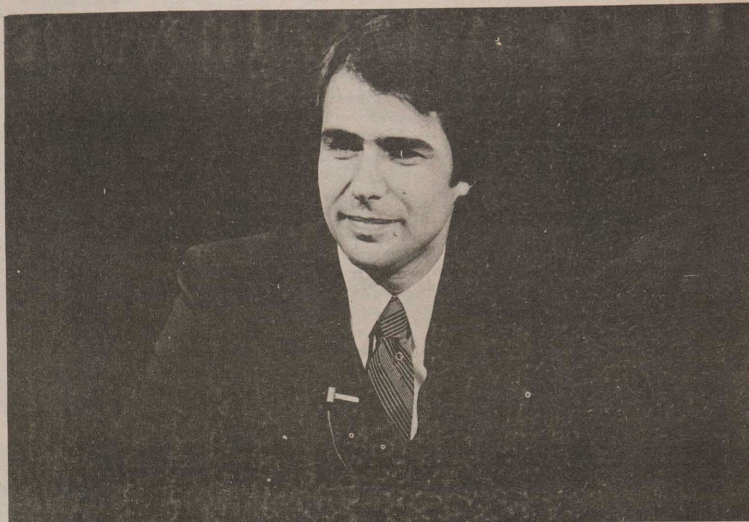
Roberto D'Ávila — que realiza no momento, o programa “Canal Livre”, apresentado aos domingos pela TV-Bandeirantes — é um homem inteligente, sensível e atento aos problemas do mundo atual, especialmente aos da luta empreendida pelo mulher. Tendo viajado por vários países do mundo e conhecido mulheres das mais diversas formações, pôde observar a evolução dessa luta, especialmente na França e nos Estados Unidos, países onde residiu e pôde constatar isso pessoalmente. Agora, de volta ao Brasil, ficou surpreso com as mulheres que encontrou aqui. Acha que elas cresceram muito e o homem, de maneira geral, ficou parado. Parece até que o homem está com muito medo das mulheres.

Segundo ele “a mulher tem lutado muito pela igualdade de direitos, principalmente em relação a salário e reconhecimento profissional. E nos últimos dez anos houve uma grande evolução nesse sentido. A mulher realmente vai, aos poucos, conquistando o lugar que merece dentro da sociedade”.

E, Roberto D'Ávila dirige sua palavra a você leitora do “Jornal Mulher”, e ninguém melhor do que um homem para falar à mulher, já que sabemos que um não vive sem o outro, apesar de todos os conflitos existentes entre eles.

“Estou muito contente em poder conversar com vocês, amigas do “Jornal Mulher”, que está nascendo agora e que pretende ser o porta-voz de todas as leitoras e leitores da nossa coletividade.

“Acho que a luta que a mulher vem travando para conseguir seus ideais de liberdade e igualdade é fundamental. A mulher deve, realmente lutar pelos seus direitos, principalmente pela igualdade de salários e fazer com que a discriminação profissional seja deixada de lado de uma vez por todas. Pois, se ela faz um trabalho igual, a remuneração deve ser igual também. Não é justo ela, — sendo uma profissional capacitada,



exercendo a mesma função — receber um salário menor do que o homem, apenas por ser mulher. Se esta barreira for ultrapassada, a mulher vai conquistar sua independência e, assim, sua liberdade”.

Quanto à mulher ser ou não feminista, tenho a seguinte opinião: “A mulher tem obrigação de ser feminista, porém sem perder a feminilidade, pois isto faz parte da sua de mulher. Acho que ser feminista não é deixar o cabelo da perna e das axilas crescer, falar grosso e se masculinizar, para ficar parecida com o homem. Ser feminista é lutar pelo direito de igualdade salarial, profissional e em todos os sentidos. É evidente que a mulher é igual ao homem como ser humano e pessoa atuante dentro da sociedade, mas

continuando a ser mulher”.

Por admirar e respeitar a mulher e a sua luta por uma causa justa é que a minha mensagem é de que ela não esmoreça e nem perca a esperança.

“O amor e a união entre um homem e uma mulher é uma coisa maravilhosa, porque é sempre bom a gente ter ao lado alguém a quem realmente respeitamos e amamos. Sou casadíssimo há cinco anos, tenho um filho de três e não sou contra o casamento ou uma união consciente entre dois seres que realmente se amam e estejam dispostos a lutar juntos”.

Ângela Porto



Guaraná
ANTARCTICA
o brasileiro



EMPREENDIMENTOS
IMOBILIÁRIOS
LTDA.

CRECI 10-465

Rua São Bento, 45 - 2º andar
Conjs. 204/206 - São Paulo
Fones: 37-0410 - 36-7719

No dia 16 de dezembro de 1980, no Palácio Campidoglio, em Roma, na Itália, às 10h45, o presidente da República Italiana, Sandro Pertini, entregou à brasileira Carmem Annes Dias Prudente, o troféu conferido a "La Donna Dell'Anno 1980", conquistado pelo trabalho que desenvolve, desde há muitos anos, em favor dos doentes de câncer. E mostrando toda sua sensibilidade, lamentou apenas ir à Itália, numa época tão triste para os italianos, enluadados com a catástrofe que se abateu sobre aquele país.

Parte do prêmio, uma placa de bronze incrustada em veludo vermelho, confeccionado pelo escultor italiano Luciano Minguzzi, (que esculpiu também o troféu), Carmem Prudente já recebeu há alguns meses, pouco depois de ser eleita "Mulher Internacional do Ano", por um júri integrado por representantes de 31 países, dos quais apenas dois votaram na física chinesa Chien Sung Wu, sendo eleita quase por unanimidade.

Simpática, pequenina, ágil, fomos encontrá-la em seu escritório, na Fundação Antonio Prudente, onde chega por volta de 12 horas, desenvolvendo suas atividades de presidente da Rede Feminina de Combate ao Câncer, no âmbito nacional e estadual, num ritmo alucinante, atendendo suas voluntárias, telefones, e providenciando várias coisas, ao mesmo tempo em que responde às perguntas da repórter.

PROFESSOR PRUDENTE

Modesta, negando ser importante, apesar dos prêmios, diplomas e troféus espalhados pelas paredes de seu escritório e sobre as mesas, juntamente com fotografias dos vários momentos felizes em que aparece ao lado do marido, o professor Antonio Prudente, para ele transfere todos os méritos, dizendo que tudo se deve ao "Professor", como ela o chama carinhosamente, que ele sempre foi a alma disso tudo. Sem ele nada disso teria sido possível, referindo-se ao grande hospital do câncer, da Fundação Antonio Prudente, cujos médicos dedicados atendem, estudam e pesquisam os mais variados tipos da doença.

Conta que o professor Prudente dedicou sua vida estudando a moléstia e construiu com tão grande sacrifício o hospital, sofreu tanto para vê-lo terminado, que isso deve tê-lo matado.

A verdade é que em nenhum momento ela permite que se esqueçam que toda aquela maravilha — desde o maior número de pessoas que atualmente são salvas, do que há 35 anos atrás, como o imponente prédio da Fundação — se deve ao professor Antonio Prudente, de quem ela fala a todo momento, com muita emoção e carinho, porque ele é, na verdade, o seu grande mes-

tre — como ela diz com orgulho —, pois a influência que ele exerceu transcende à sua morte, ocorrida em 1965.

E para que a Fundação possa crescer cada vez mais — já que esse era o grande sonho do professor, Carmem Prudente, dedica a ela as 24 horas do dia, dirigindo-a com garra, há 27 anos, viajando anualmente, participando de congressos, escrevendo trabalhos sobre as campanhas e a doença, recebendo políticos, fazendo conferências, no Brasil e no estrangeiro, num ritmo impressionante, enfim, fazendo sozinho o que ela e o professor faziam juntos, para que não se apague da memória de ninguém, a obra da qual que dedicou toda sua vida à cura do câncer.

Uma das coisas de que Carmem Prudente se orgulha é a de sempre ter trabalhado e muito. Começou aos 11 anos, como secretária de seu pai, o médico pesquisador Heitor Annes Dias, de quem ela também fala com muito orgulho ter sido um dos maiores médicos clínicos, e o único brasileiro a escrever uma completa de Medicina, feito somente conseguido por ele e por um médico francês chamado Dieu la Foy.

Deixou de ser secretária do pai aos 24 anos, quando se casou com o professor Antonio Prudente, passando a ser a secretária do marido, fazendo seus os ideais e lutas dele, para cuja obra dedica todos os minutos de sua vida.

Há 35 anos atrás — conta ela — morriam muitas pessoas com câncer; hoje em dia, com o trabalho de esclarecimento desenvolvido pela Rede Feminina de Combate ao Câncer, divulgando os sintomas, como podem ser identificados e concitando as pessoas a fazerem exames anuais, aliado ao desenvolvimento de novas técnicas, de novos medicamentos que estão sendo descobertos, o câncer já não é o monstro de há alguns anos. Atualmente — segundo Carmem Prudente — "o perigo não está em quando surge a doença, o perigo está em quando ela surge e ninguém faz nada". Descoberto no início o câncer é curável.

Além da Rede Feminina, há também o Clube do Siri, fundado para manter a enfermaria infantil, recebendo donativos das crianças que promovem campanhas escolares, e angariam fundos ainda através do cofrinho, do bolo de aniversário, além de outros.

No momento, revela Carmem Prudente, temos em tratamento com câncer, cerca de trezentas crianças em observação. Internadas, há 36, cujos pais, angustiados e chorosos, as deixaram ali para tratamento, mas, acrescenta "em nenhum outro lugar as crianças são tratadas com tanto amor".



Carmem Prudente a mulher mais importante de 1980

Walkyria Pereira Leite

TELE-CAN

O Tele-Can, serviço que vem funcionando desde o mês de maio deste ano, segundo Carmem Prudente, é a coisa mais fantástica existente no Brasil, e para sua implantação ela trabalhou arduamente durante seis anos, viajando várias vezes aos Estados Unidos, onde somente duas cidades daquele país contavam com esse tipo de serviço. Acrescenta que sente um orgulho muito grande, porque ele ajuda muita gente, e desde o início de seu funcionamento os resultados têm sido espetaculares.



O objetivo do Tele-Can é divulgar, por telefone, informações, conselhos e orientações sobre a moléstia, pois como diz o folheto distribuído pela Rede Feminina de Combate ao Câncer "é terrível não saber nada sobre ele, porque o câncer é curável".

Para isso a Fundação Antonio Prudente, gravou uma série de informações, numeradas de 01 a 50. Se você desejar, por exemplo, saber algo sobre o "teste Papanicolau", bastará ligar para 270-1233, que uma voluntária da Rede atende e você solicita a gravação número "33 - que é o 'Teste Papanicolau', que toda mulher deve fazer uma vez por ano". A resposta à sua consulta é uma gravação que dura até 2 1/2 minutos e, no final, desliga o seu telefone, automaticamente. Além desse número mencionado como exemplo, você poderá pedir qualquer uma das informações catalogadas numericamente.

A Rede Feminina pede para que se procure conhecer essa lista, pois bem informada sobre a doença se poderá salvar uma vida.

Outro tipo de trabalho ao qual Carmem Prudente gosta de se dedicar também é o de escrever livros. Ela já publicou 14 livros, dos quais dois de contos e os outros com impressões de viagens, cuja renda é inteiramente revertida para a Fundação.

PRÊMIOS

E assim esta pequenina mulher, que realiza um grande trabalho e pelo qual recebeu a láurea de "Mulher Internacional do Ano", indicada pelo professor Manfredi, que Carmem não sabe quem é, mas a informaram de que ele conheceu o professor Antonio Prudente e admira o trabalho que ela desenvolve na Fundação.

Mas este não foi o único prêmio internacional que ela recebeu; em 1978, na Argentina, durante o XII Congresso Internacional do Câncer, ela recebeu o Prêmio "Alfredo Torbat", pelo melhor trabalho latino-americano sobre campanhas contra o câncer.

Dos muitos prêmios nacionais que recebeu, destacam-se os prêmios: "Mulher do Ano de 1956", "Roquete Pinto", por seu trabalho em obras sociais, "Mulher do Ano de 1968", outorgado pelo São Paulo Woman's Club e em 1975, pelo Ateneu Rotário, o de "Personalidade do Ano".

Mas o prêmio maior não o recebeu Carmem, e sim todos nós por tê-la no nosso convívio.

Guarde esta lista e sempre que tiver dúvida ou simples curiosidade, disque 270-1233. Fique bem informado sobre o CÂNCER. Assim poderá salvar uma vida.

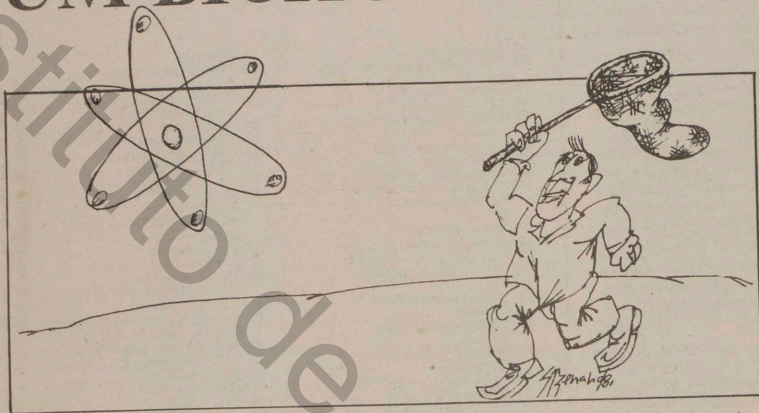
- | | |
|--|---|
| 01 - Que é Câncer? | 25 - Leucemia. |
| 02 - Fatos sobre o Câncer no Adulto. | 26 - Fatos sobre o Câncer do Seio. |
| 03 - Câncer da Bexiga. | 27 - Câncer do Seio - aprenda a examinar os seus Seios. |
| 04 - Câncer da Boca. | 28 - Mamografia. |
| 05 - Palavras do Capelão de um Hospital. | 29 - Melanoma maligno. |
| 06 - Descoberta precoce do Câncer do Cólon. | 30 - Câncer dos Ossos. |
| 07 - Câncer do Cólon e do Reto. | 31 - Câncer do Pulmão - I. |
| 08 - Que as Escolas podem fazer na Prevenção contra o Câncer? | 32 - Câncer do Pulmão - II. |
| 09 - Câncer do Estômago. | 33 - Que é o "Teste Papanicolau", que toda mulher deve fazer uma vez por ano. |
| 10 - Câncer do Fígado. | 34 - Câncer da Pele. |
| 11 - Fumar - início de um Hábito. | 35 - A Poluição do Ar e a Saúde. |
| 12 - Se Você deseja parar de fumar - I. | 36 - Informações importantes para Professores do IIº Grau. |
| 13 - Se Você deseja parar de fumar - II. | 37 - Câncer da Próstata. |
| 14 - O Fumo e o Problema dentário. | 38 - Métodos não aprovados para Tratamento do Câncer. |
| 15 - Os Efeitos do Fumo em Não-Fumantes - I. | 39 - Reabilitação da Fala após o Câncer da Laringe. |
| 16 - Os Efeitos do Fumo em Não-Fumantes - II. | 40 - Câncer do Útero. |
| 17 - Assistência Profissional para deixar de fumar. | 41 - Quimioterapia. |
| 18 - O Cigarro e a Gravidez. | 42 - Câncer da Tireóide. |
| 19 - Diálogo a respeito do Hábito de Fumar Cigarros e a Saúde - I. | 43 - Câncer da Tireóide após Tratamento Radioativo de Cabeça e Pescoço. |
| 20 - Diálogo a respeito do Hábito de Fumar Cigarros e a Saúde - II. | 44 - Linfomas e Melanomas Múltiplos. |
| 21 - Diálogo a respeito do Hábito de Fumar Cigarros e a Saúde - III. | 45 - Câncer do Cérebro. |
| 22 - O Direito do Não-Fumante. | 46 - Câncer do Pâncreas. |
| 23 - Sugestões para Ex-Fumantes se manterem longe do cigarro. | 47 - Câncer da Criança. |
| 24 - Doença de Hodgkin. | 48 - Câncer da Laringe. |
| | 49 - Perguntas que o Povo faz sobre o Câncer - I. |
| | 50 - Perguntas que o Povo faz sobre o Câncer - II. |

ente,
portante



ENERGIA NUCLEAR NÃO É UM BICHO DE SETE CABEÇAS

Janete Benetton



Quando se fala em energia nuclear, os leitores, sempre assustados, remontam suas idéias para a catástrofe de Hiroshima, cidade escolhida para ficar na história das destruições humanas. E apavorados falam não à energia nuclear.

Os diversos programas governamentais para a utilização da energia nuclear como fonte de eletricidade assustam... e mais do que isso trazem terror quando o assunto gira "e se houver um acidente?" O vazamento radioativo da usina nuclear de Three Mile Island, ocorrido em 1978, está na mente de muitos.

O temor, aliado à incompetência dos responsáveis em explicar a utilização da energia atômica aos mais incrédulos, leva aos desfechos que estão acontecendo. Só nos Estados Unidos, reduziu da energia nuclear, desde 1978 não há nenhum novo pedido para construção de uma nova central nuclear. Na Europa a situação não é menos crítica. Na Alemanha Federal houve apenas um pedido desde 1975. A Suécia, após completar o seu programa, que compreende a instalação de 12 novos reatores, também não tem nenhum outro plano. No Reino Unido existem planos para construção de cinco novas usinas desde 1974. Só a França continua dinamicamente o seu plano nuclear: em 1975, 50% de sua eletricidade virá da energia nuclear. O mesmo acontece no Japão e na Espanha.

A conclusão é uma: está havendo uma estagnação na utilização de energia nuclear para geração de eletricidade, ou seja, a utilização dela para fins pacíficos, como auxiliadora na substituição do petróleo, cada vez mais caro, não está crescendo na mesma proporção que muitos analistas internacionais haviam previsto.

O porquê deste desinteresse pela energia nuclear está diretamente relacionado com as crises econômicas nos diversos países que optaram pela sua utilização. Os governos estão reexaminando seus objetivos, entre eles descobrir ou "adivinhar" qual será a fonte de energia que irá futuramente substituir o petróleo: barato e abundante como outrora. Sem dúvida, é como achar uma agulha num paiol. Até lá, as economias dos países terão que andar sobre ovos, principalmente em relação à energia. Qualquer investimento mal dirigido hoje poderá trazer profundos rimbos na economia de amanhã.

ENERGIA NUCLEAR, AFINAL, O QUE É?

Agora, o que é a energia nuclear? Como se consegue a eletricidade através dela? Por que a usina nuclear não explode como uma bomba? O que é a radioatividade? Como tirar energia de um minúsculo átomo? E o urânio?

Não precisa ser um cientista louco para responder, humanamente, estas perguntas. Nem resolver fórmulas amalucadas, cheias de raízes quadradas e coeficientes negativos para se saber, pelo menos se conscientizar, do que é esta tão falada e discutida energia nuclear.

Se existe receio em relação a ela, deve ser consciente, com bases e não só porque "está na moda ser contra a energia nuclear".

Vamos aos fatos. Precisamos saber deles, pois o Brasil, a partir do ano que vem, estará utilizando esta energia para gerar eletricidade na primeira usina construída no Brasil, na Praia de Itaorna, Rio de Janeiro — a Angra I.

Tudo tem início com o urânio, que é um mineral encontrado em jazidas. No Brasil, a mina de urânio fica em Poços de Caldas, no Estado de Minas Gerais. Poderia ser outro mineral, como o tório ou o plutônio, mas sobre o urânio se conhece mais.

Não é qualquer urânio que serve. Tem que ser o urânio 235, que é o único cujo núcleo pode ser fissionado. Explicando: o átomo, a menor partícula de um material, é composto por prótons, nêutrons e uma região externa de elétrons. Quando se divide, ou fissiona o átomo de urânio 235 é liberada energia e mais dois ou três nêutrons que ao colidirem com outros nêutrons de outros átomos de urânio provocam uma reação em cadeia. Daí o nome de energia nuclear. Na usina esta reação é mantida sobre controle.

Quando se extrai o urânio da mina ele vem associado com outros minérios. Para que somente tenha o urânio é preciso submeter o material tirado da usina à um processo de onde sai o "yellow cake" ou bolo amarelo, um concentrado do urânio.

Existem várias formas de utilizar este "bolo amarelo": ou para usinas termoeletricas que gerarão eletricidade, ou até mesmo para a construção de bombas atômicas. O Brasil é um país que não assinou o Tratado Internacional de Não Proliferação Nuclear, mas se comprometeu, internacionalmente, que utilizará a energia nuclear para fins pacíficos.

Em 1975 o Brasil assinou um acordo com a Alemanha para construir, em solo brasileiro, oito usinas termoeletricas, além da de Angra I, que foi construída pela firma americana Westinghouse.

Este acordo prevê que até 1982 o Brasil terá que construir oito usinas nucleares e a Alemanha, por sua vez, treinará mão-de-obra, auxiliará na construção das usinas além de passar para o Brasil o "know-how" utilizado, ou melhor dizendo: de como utilizar o "bolo amarelo" para gerar eletricidade.

Para operar o acordo assinado, o governo brasileiro precisou criar uma empresa: a Nuclebrás. Depois disto iniciou a construção da usina nuclear de Angra II, também no Rio de Janeiro, perto de Angra I. A usina Angra III ainda não começou a ser construída, mas seu local já foi definido: será, como as outras, no litoral do Rio de Janeiro.

A terceira e quarta usinas nucleares serão feitas em São Paulo, na cidade de Peruíbe. Quanto às demais, ainda não foi definido o local de sua instalação.

DO URÂNIO À ENERGIA

Para que o "bolo amarelo" chegue a ser combustível, ele passa por diversos tratamentos. Para cada um deles o Brasil está construindo uma fábrica com tecnolo-

gia alemã.

Os tipos de usinas nucleares que o país está construindo é denominado "água leve pressurizada" e necessitam do urânio enriquecido como combustível. Para tanto, o "bolo amarelo" é transformado em um gás chamado hexafluoreto de urânio, este por sua vez é encaminhado para o processo de enriquecimento e depois transformado em pastilhas de óxido de urânio que serão colocadas em varetas de "zircaloy" (a Argentina irá fornecer estas varetas ao Brasil). Enfim, as varetas são colocadas dentro do reator da usina.

Reator nuclear, outra palavra que assusta, embora o seu esquema de funcionamento seja tão simples quanto uma chaleira cheia de água colocada sobre o fogo.

Os átomos de urânio, colocados nas varetas dentro do reator, através do processo de fissionamento, explicado anteriormente, entram numa reação em cadeia. Esta reação produz muito calor que faz ferver a água que circula dentro do reator, gerando vapor que, por sua vez, faz girar a turbina produzindo a eletricidade.

Enfim, o processo final é igual a uma usina termoeletrica onde, ao invés do reator, se usa uma caldeira onde queima carvão ou óleo combustível para ferver a água que produzirá o vapor.

ONDE ESTÃO OS PERIGOS?

Radioatividade nuclear, o grande medo que abala o mundo, principalmente por ser um campo não tão conhecido, por isso quase totalmente incontrolável. Os cientistas se agrupam em defenderem a aplicação da energia nuclear, outros em criticá-la.

Na fabricação de bombas, cujo processo utilizado não é o adotado pelo Brasil, é guardada a sete chaves pelos países detentores. Sua posse é respeitada por parte de outros países. Não se sabe quantos armamentos nucleares existem no mundo e nem quais os países que os estão atualmente desenvolvendo.

Na geração de energia elétrica o perigo visível, além do possível escapamento da radioatividade, como o ocorrido em Three Mile Island, nos Estados Unidos, são os rejeitos da usina de reprocessamento. O urânio, depois de utilizado no reator, passa por um processo de recuperação para ser possível novamente sua utilização. Neste processo saem rejeitos altamente radioativos que, normalmente, são embalados em placas de chumbo e estocados em minas de sal ou no fundo do mar. A radioatividade de alguns destes rejeitos poderá durar até mil anos, segundo os pesquisadores do assunto. No Brasil, ainda não foram definidos os locais para estocagem destes rejeitos.

TER OU NÃO A ENERGIA NUCLEAR

De um lado os defensores da utilização da energia nuclear. De outro os críticos. Este é o panorama da aceitação mundial e como não, do Brasil. Os políticos vêm neste assunto um grande filão para seus discursos em plenário. Os governos, muitas vezes, tomam decisões precipitadas em seus planos energéticos, temendo reviravoltas no contexto mundial.

Assunto que deveria ser tratado mais seriamente, a energia nuclear passou para mãos de políticos geralmente não preparados para tão grande responsabilidade. E o povo que deveria ser informado passo a passo das decisões referentes a este assunto, fica de lado. Este povo que na maioria das vezes nem sabe o que é a energia nuclear, a não ser aquela utilizada para a bomba atômica, não por sua culpa mas sim pela falta de informações abertas e claras.

Como não participante de decisões importantes, este povo se alheia de assuntos como este. Quando fala um sim ou não geralmente é apoiado nos dizeres dos políticos. Dizeres estes que nem sempre revelam as reais necessidades de um país inflacionado, endividado externamente e sem preparo cultural.

Repto: antes de dizer sim ou não à energia nuclear, conheça-a, pese-a na balança econômica e social, argumente os planos energéticos traçados. Quando houver a definição, que ela seja, pelo menos, consciente.

Ano político brasileiro: Assunto para meditação

Walter Marcondes

O congresso entra em recesso, os parlamentares entram em férias e vão atuar nas suas bases, tendo em vista as mudanças anunciadas com a volta das eleições diretas para governador. Em Brasília, um vazio cerca o centro de atuação dos senadores e deputados, no final melancólico deste ano legislativo. Os bravos pais da pátria se viram frustrados na tentativa de legitimar o retorno das prerrogativas que o poder executivo resolveu ignorar, enquanto que prevaleceu o instituto do decurso de prazo para decidir sobre aprovação de matérias de interesse governamental. Assim, ao longo das discussões de plenário e nas comissões técnicas, os parlamentares não obtiveram grandes triunfos. Nem mesmo ao tentarem uma coligação opositora suscetível de oferecer mais dura resistência às investidas do Planalto. A luta em prol de uma frente opositora redundou em lamentável malogro, para reafirmar que nem mesmo mantendo a mesma posição contrária ao governo os líderes partidários mantêm acordo entre si para uma ofensiva conjunta e bem delineada contra o governo. Não houve identidade de conceitos para constituição de uma frente opositora interpartidária, isto para goáudio da situação que sentiu quanto fraco batia o pulso dos opositores, incapazes de uma organização homogênea e devidamente voltada para a defesa dos interesses populares.

Todavia, se na arena do legislativo o governo marcou grandes e estranhas vitórias contra os que lhe fazem oposição, o mesmo não ocorreu nas hostes pedes-

tas, que se vai fragmentando à medida em que crescem as desilusões pela falta de sintonia com o poder instalado em Brasília. Nem o ministro da Justiça, em que pese toda sua habilidade e espírito de sacrifício, conseguiu harmonizar os arraiais do PDS do Pará. Os desentendimentos e as deserções aumentaram a despeito das propostas de Abi-Ackel, acendendo com uma recepção triunfal aos seguidores do governador Alacid, que não se deixaram persuadir pelas promessas de verem perdoada toda recalcitrância e manifestação de livre arbítrio. O ministro da Justiça não obteve êxito em sua missão de reagrupamento em torno da bandeira do PDS, conformando-se em elaborar um relatório em seu gabinete, cujo conteúdo dificilmente será dado a conhecer pelo seu caráter de documento ultra-secreto.

A luta prossegue no âmbito dos partidos, em busca de nomes que se transformem em bandeiras com vistas aos próximos pleitos eleitorais. Por enquanto, girando em torno de seus presidentes, como Olavo Setubal, Magalhães Pinto, Lula, Ivete Vargas, Leonel Brizola, Ulisses Guimarães, todos acionando suas máquinas para a grande arrancada. E, por detrás, ressurgindo a figura discutida e discutível do ex-presidente Jânio Quadros, a mesma esfinge indecifrável, das tiradas casuísticas, dos pronunciamentos enigmáticos.

São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul, norte, nordeste, em plena agitação de cunho eleitoral. Mas, quanto aos eleitores, até o momento, nenhuma preocupação. Os sufragistas, que decidem os pré-

lios eleitorais, ainda não foram lembrados. Quer dizer, ainda não teve início o aliciamento, a não ser na área do governo do Estado de São Paulo, onde toda solicitação, todo favor, toda ajuda pretendida está condicionada ao engajamento imediato nas fileiras do partido de Paulo Salim Maluf. Não obstante sua condição de chefe do executivo paulista, com mínimas possibilidades de indicar seu sucessor que, logicamente, deveria ser José Maria Marin. Como o delicioso mate, já veio queimado. O futebolista José Maria Marin tem contas a acertar ante denúncias de seu envolvimento nos escândalos da Caixa Econômica, delimitando sua zona de influência, como seu mais forte reduto eleitoral ao bairro de Santo Amaro e adjacências.

Paulo Salim Maluf experimentou o sabor amargo da derrota na assembleia legislativa, sendo a última a negativa para que a Fepasa firmasse contrato de empréstimo em dólares para a melhoria do sistema ferroviário suburbano. Esses aspectos negativos, demonstrando a impopularidade do governador mesmo dispo- nendo de respeitável bancada no Palácio Nove de Julho, não o credenciam a alardear controle da situação dentro e fora do Palácio dos Bandeirantes. Os observadores políticos criticam, além da audácia do governador e dos seus métodos de persuasão, a falha de sua assessoria, composta de elementos agregados para aplaudir e não para atuar. Como não é onisciente, o governador comete falhas gritantes e se torna alvo de estrondosas manifestações de desagrado que muito

deformam sua personalidade.

A política brasileira debate-se contra terríveis inimigos: a alta constante dos derivados do petróleo e a inflação que anula todos os esforços governamentais para conter a elevação do custo de vida. O trato político de questões econômicas não saiu segundo as previsões do ministro Delfim Neto e tampouco da Seplan, tornando o homem e a Secretaria do Planejamento algo que não deve ser levado muito a sério. O Brasil está, em fase de desenvolvimento, defrontando-se com problemas de alta indagação, com o crescimento da dívida externa, desequilíbrio do balanço de pagamento, queda nas exportações e falta de planificação para uma ofensiva agro-industrial. O que determinou o encontro do presidente Figueiredo com empresários brasileiros para debate e análise da situação, a fim de que pudessem ser apresentadas sugestões para uma tomada de posição a curto e médio prazo. Grandes reformas estão por vir. As cassandras prenunciam chuvas e trovoadas para 1981. Inclusive o ministro Antonio Delfim Neto, apregoando a necessidade de mais suor da parte dos brasileiros para suportar os impactos inflacionários já além de 100%. A análise da atual conjuntura política brasileira não pode prescindir de um enfoque econômico em tudo à ela pertinente, dada sua repercussão no quadro social. O que requer, daqui por diante, trato direto, decisões eficazes e, sobretudo, objetividade. Até na substituição de homens, se preciso for, dada a seriedade do problema e sua abrangência.



O SAMBA SEM CARTOLA, SEU POETA MAIOR

O samba ficou mais triste agora com a partida do seu grande poeta Mestre Cartola, que morreu no quarto 202 da Clínica São Carlos, no Humaitá, no Rio de Janeiro, no dia 30 de novembro.

Lutando contra insidiosa moléstia, já há dois anos, Cartola, no ano passado, em agosto, após submeter-se a uma cirurgia, quando se recuperava em sua casa em Jacarepaguá, concedeu entrevista a uma revista carioca onde afirmava: "Não sei se vão lembrar de mim". Não, Cartola, ninguém vai lembrar de você, porque, simplesmente, não conseguirão esquecê-lo, já que você foi o poeta maior do samba brasileiro, o Divino, o Mestre.

E no Carnaval de 81, quando a Estação Primeira da Mangueira pisar a passarela da avenida — será como o palhaço que é obrigado a rir, quando só tem motivos para chorar — levando o sambarenredo, com muita alegria e belas evoluções, (porque sabe que é assim que seu fundador, o grande Cartola, gostaria que fosse), os corações de todos os mangueirenses estarão muito tristes sentindo a ausência do seu maior sambista.

Agenor de Oliveira, o Mestre Cartola, compôs a sua primeira música "Chega de Demanda", aos 20 anos, daí por diante foi uma série de sucessos, de parceria ou não. Por exemplo em 1932, Cartola, de parceria com Noel Rosa, outro monstro do samba brasileiro, compunha "Não Faz, Amor", compôs com Carlos Cachça, outro sambista da primeira linha da Mangueira, Silvio Caldas, Zé da Zilda e muitos outros.

Cartola vendia suas composições, mas não a autoria. E um grande freguês de Cartola era Francisco Alves, o Rei da Voz, depois que gravou dele "Que Feliz Sorte", cedida por Mário Reis, que subiu o morro para comprar a música do sambista da Mangueira.

As letras de Cartola são de uma poesia profunda. E de uma beleza ímpar é o trecho de "As Rosas não Falam", onde ele diz: "Queixo-me às rosas, / mas que bobagem as rosas não falam, / simplesmente as rosas exalam / o perfume que roubam de ti, aí".

Mas além do samba, Cartola tinha outro grande amor, sua mulher Zica, a grande companheira, co-



O violão que o sambista deixou abandonado

mo Cartola costumava dizer. Zica e Cartola se conheceram muito jovens na Mangueira. Mas Zica mocinha casou-se, o mesmo fez Cartola, ambos ficaram viúvos e encontraram-se novamente na quadra da escola. Viveram juntos durante 12 anos até que no dia 24 de outubro de 1964, Agenor de Oliveira (Cartola) desposou Eusébia Silva do Nascimento (Zica), na Igreja do Coração de Jesus.

E assim morreu Cartola nos braços do amor de sua vida, a dedicada companheira, cercado das flores que ele mais amava: as rosas.

(W.P.L.)



John Lennon

Dia 8 de dezembro último, em Nova York, John Lennon morre assassinado friamente por um fã maniaco, Mark David Chapman, de 25 anos, e que a tudo queria se assemelhar ao cantor, inclusive a mulher que escolheu para esposa, também era japonesa com muitas características de Yoko Ono, mulher de Lennon. A revolta dele talvez tenha sido a de não ter o grande prestígio, a fama e o mito dos "Beatles", pois também é músico.

Com a morte de Lennon, finda a última esperança de vermos os "Beatles" novamente reunidos, para repetir o maior fenômeno musical ocorrido na segunda metade deste século.

O assassinato de Lennon vem mais uma vez mostrar a violência humana, uma barbárie dos acontecimentos de 80, que vai ficar marcado junto a nós como um fato histórico (muito triste), pois este músico era a alma dos "Beatles", grupo responsável pela modificação do mundo, não só na música, mas nos costumes e comportamento da juventude dos anos 60.

"Lennon, de você tudo ficou um pouco, mas ficamos muitas, muitas saudades."

MÚSICA

Egídio Grandinetti Jr.

Temas de filmes, a opção

Voltando mais para a qualidade às suas atenções, as gravadoras começam a recolocar no mercado seus discos "classe A" que permanecem em catálogo, pois há um público fiel para esse tipo de lançamento. É o caso da RCA, que está colocando no mercado, 16 Lps com temas cinematográficos.

Nesse 1.º pacote vamos encontrar: "...E o Vento Levou", "Contatos Imediatos", "Guerra nas Estrelas", "Hair" e o esperado "Capitão Blood e outros filmes célebres de Errol Flynn", com composições de Max Steiner e Erich Korngold. Henry Mancini também está presente com as mais famosas melodias da série "Pantera Cor de Rosa". Uma boa notícia para o discófilo nesse início de 81.

Banda do Povo

Com a chama do Carnaval acesa, a CBS está lançando a Banda do Povo, com uma seleção dos principais sucessos como "Coisinha do Pai", "Chega Mais", "Frevo Mulher", "Menino do Rio" e muitos outros, no contagiante ritmo de Momo.

Asas da América n.º 2

Após o sucesso do 1.º volume da série, o produtor e compositor Carlos Fernando, está colocando no mercado, via CBS, um segundo volume e que reúne Amelinha, Zé Ramalho, Fagner, Elba Ramalho, As Fenéticas, Terezinha de Jesus e Marco Polo. É o frevo autêntico, na voz dos seus mais lídimos representantes. Mais uma vez, ficaram bem servidos os nordestinos com esse lançamento.

Mano Décio

Dos mais importantes lançamentos da CBS nesse início de ano, é o álbum em que Mano Décio apresenta a **Velha Guarda do Império Serrano** (Carlinhos Vovó, Manoel Ferreira, Sebastião Molequinho, Mestre Fulero, Milton Campolino e Tio Hélio). Um disco emocionante e emocionado e um dos mais importantes lançamentos nestes meses que antecedem o Carnaval. Principalmente porque traz a música de quem já fez tantos outros Carnavais — os compositores para quem o samba é, antes de tudo, a vida.

Earth Wind & Fire

"Faces" é o novo álbum duplo do fervilhante grupo musical que a pouco se apresentou no Brasil. O disco da CBS já ocupa os primeiros lugares das paradas americanas. O som é radiante. Um arco-íris de idéias e magia.

Aycha

A nova gravadora está colocando no mercado os Lps de **Ronaldo Adriano**, conhecido parceiro de Lindomar Castilho; **Tukley**, ex-componente da dupla Ponto e Virgula, conhecida em São Paulo. **Denise Emer**, um novo nome, e no entanto, já bastante popular pelo sucesso da música "Lava-deiras" — tema da novela Coração Alado. E o LP **Rádio Cidade** reúne os maiores sucessos da música internacional.

Emuir Deodato

O famoso tecladista/arranjador/produzidor e compositor, passando férias no Rio de Janeiro. Veio a convite da Rede Globo de Televisão e vai preparar um novo arranjo para a abertura do programa **Fantástico**, ficando aproximadamente dois meses no Brasil. Seu mais recente LP, "Nigh Cruiser", lançado pela Warner, mostra o estágio atingido por Deodato no cenário da música norte-americana, onde é hoje o artista brasileiro de maior sucesso.

Led Zeppelin, o fim

Anunciando oficialmente em Londres pelo selo Swang Song, o fim do famoso conjunto em virtude da morte do seu baterista John Bonham, que era imprescindível para a unidade do conjunto. A informação é da Warner.